

O Castanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES D^e CARVALHO

AVENÇA

Jornal Regionalista — Por Castanheira-de-Pêra e Região

ANO X	Relação, Administração e Oficinas: Castanheira-de-Pêra — Telefone 16	Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho	Propriedade das Of. Gráficas da Ribeira de Pêra, L.da Chefe da Redacção: António Maria Saraiva	N.º 317
----------	---	---	---	------------

UMA VELHA ASPIRAÇÃO

O EDIFÍCIO dos CTT

Do Secretariado Nacional de informação recebemos o seguinte officio:

«Em local publicada no seu número de 20 de Janeiro do ano presente aludiu o jornal «O Castanheirense», de Castanheira-de-Pêra, à necessidade de construção dum novo edificio dos correios, telégrafos e telefones naquela vila, ou dos serviços em referência serem instalados em casa de melhores condições.

A Administração Geral dos CTT informa-nos, a-propósito, não ser possível a construção dum edificio-tipo para a estação em epígrafe, por aquela localidade não estar incluída no Plano Geral de Edificações.

No que diz respeito à transferência das actuais instalações, comunica-nos ainda aquela Administração que, durante anos, vem emvidando os melhores esforços para mudar de prédio sem que, todavia, as suas diligências não tenham deixado de resultar em vão: nem edificio já feito, nem proprietário que se disponha a construir um propositadamente como se tem feito noutras localidades, e aliás é frequente em outros países.

A Administração Geral dos CTT aproveita assim, a oportunidade para convidar o autor da local a indicar casa ou alguém decidido a edificar o prédio nas condições necessárias.

Couto dos Santos
Administrador Geral.»

O articulista, munido do original deste officio que tem o n.º 4183 e a data de 8 de Maio do corrente ano, avistou-se com pessoa autorizada, que, detalhadamente, o pôs ao corrente do assunto em versão.

O texto que segue é a cópia da exposição que S. Ex.^a, o Sr. Presidente do Município desta vila endereçou ao Ilustre Director do Secretariado Nacional de Informação. Julgamos que estas afirmações serão suficientes para esclarecer a digna Administração Geral dos CTT, no que respeita ao novo edificio e actuais instalações dos correios em Castanheira-de-Pêra:

«São do conhecimento do Sr. Administrador Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones, e bem assim

dos funcionários superiores daquela Administração, as péssimas condições em que se encontra instalada a estação desta vila, onde num exíguo espaço, mal pode trabalhar o pessoal em serviço e receber o público.

Por falta de instalação competente, os serviços telefónicos locais são o que pode haver de pior no País, facto verificado pelos técnicos que aqui têm vindo para procurar debelar o mal que só consegue remédio, segundo dizem, com uma nova instalação. De tal maneira estão feitas as ligações da rede telefónica urbana que é constante, cada assinante, ouvir as conversas dos outros, o que causa sérios prejuízos e contratemplos, como se deve compreender.

A Câmara Municipal desta vila a que presido, de há muito vem diligenciando melhorar estes serviços, tendo para tanto feito tudo quanto lhe tem sido possível, indo até ao ponto de oferecer, no edificio dos Paços-do-Concelho, as salas bastantes para a instalação, oferta que não foi então aceite pelo facto de não ter conjuntamente instalação para a residência do chefe. Já por diversas vezes tentou conseguir a construção do edificio próprio para o qual dispõe do respectivo terreno, em local bem central.

Porque tal construção não estava dentro dos planos de construções dos Correios, procurou, ao contrário do que se afirma, facilitar a instalação noutros edificios e, pela última vez, em 1944, poderia ter sido feita a mudança para edificio bem localizado, com acomodações amplas para a Estação e residência do respectivo chefe, se a Administração Geral dos Correios não julgasse que a renda pedida era demasiado elevada. Chegaram a vir, aqui, dois engenheiros vistoriar o prédio, propriedade do Sr. Dr. Domingos Pimentel, que pedia de renda 400\$00 por mês. Esta casa, que por acaso voltou a estar devoluta ainda há pouco tempo, tem para arrendar o primeiro andar, que faculty bastante espaço para instalar os Serviços dos Correios, com todas as suas dependências, desde que se não exija a residência do chefe, em conjunto. Há, portanto, ainda neste momento, uma possibilidade da Administração Geral dos CTT, poder demonstrar a sua boa vontade em atender ao pedido deste Concelho, às necessidades do público, e, portanto, não se pode

continuar a afirmar, como a Administração Geral dos Correios já teve oportunidade de o fazer, que se não existe em Castanheira-de-Pêra uma Estação bem instalada, é porque não lhe têm facilitado os meios para tal.

Não! Da parte da Castanheira, por intermédio da sua Câmara Municipal, tem sido feito tudo quanto tem sido possível. A garanti-lo está a troca de correspondência feita, ultimamente, sobre o assunto de que se envia a respectiva cópia.

Procurou-se a construção do edificio por intermédio da Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios, o que não foi possível levar a cabo em virtude da não cedência do terreno que, adquirido com o fim da edificação, ser efectuado pelos CTT ou pela Câmara. Até já se pensou, e disso se encarregou o Sr. Dr. Manuel Ribeiro Ferreira, deputado por este Distrito, para numa boa oportunidade, trazer a esta vila o Sr. Engenheiro Couto dos Santos, para que S. Ex.^a, por si próprio, avaliasse da razão que nos assiste, ao pedirmos a conveniente instalação dos serviços dos Correios, Telégrafos e Telefones.

A Imprensa, frequentes vezes, se tem referido ao assunto, tendo recebido sempre a mesma resposta que como agora, não se ajusta bem à maneira como os factos se têm passado e que não podem merecer contestação.

O caso de Castanheira-de-Pêra é talvez único no País!

A sua estação telégrafo postal é ainda aquela que há cerca de 50 anos foi instalada, pela primeira vez, a título provisório, numa pequena dependência da casa que então habitava a pessoa que foi nomeada para a chefiar!!...

Além disso, a sua localização, ao cimo de uma ladeira desmedidamente íngreme, é de tão difícil acesso que tem ocasionado alguns desastres, até da própria funcionária que tem chefiado a citada repartição, que no trajecto já partiu uma perna.

Querer dar a este Concelho menos importância que ele tem, também não está certo, porque sendo um dos mais importantes centros industriais de lanifícios de Portugal, as receitas da sua Estação Telégrafo-Postal, hão-de, certamente, ser bastantes para impôr que as suas instalações sejam qualquer coisa de cómodo para o pessoal,

No passado dia 28 de Maio, comemorou-se a data da Revolução Nacional.

Em Braga, berço do Estado Novo, estiveram Suas Excelências, Senhores Presidentes da República e do Conselho, onde receberam as mais entusiásticas saudações.

De regresso à Capital do Império, foram, delirantemente recebidos nas Cidades do Porto e Lisboa, pelo povo em massa, que manifestou a sua simpatia pelos Grandes Chefes.

regulares para o serviço e próprias da terra, para o público.

Sr. Director do Secretariado Nacional da Informação:

Em nome dos interesses deste concelho e, até, a bem da economia da Nação, teria muito prazer em que V. Ex.^a se dignasse, logor que lhe fôsse oportuno, visitar esta vila e verificar a razão daquilo que se afirma quanto a este ponto de capital importância para todos nós.

Além disso é esta uma região turística que deveria ser olhada com mais acertado interesse, porque merece, e seria também uma preciosa oportunidade para V. Ex.^a poder dela tomar conhecimento pois que, com os concelhos de Lousã, Figueiró-dos-Vinhos e Pedrógão Grande, completa uma área turística de muito valor — digna de ser mais conhecida.

A' disposição de V. Ex.^a fica minha humilde casa e dela poder dispôr como sua, na certeza de que a sua visita me honrará bastante

Aqui deixa o jornalista claras explicações fornecidas pelo muito digno Presidente da Câmara Municipal de um centro fabril importantíssimo. Se estas não satisfizerem, ficamos às ordens da Administração Geral dos CTT, para esclarecermos qualquer passo con fuso...

Ilustres da nossa Terra

Doutor BISSAYA BARRETO

A educação na infância

DA PERSONALIDADE

Pelo Sr. Dr. Trigo de Negreiros, sub-secretário de Estado de Assistência, foi dada posse, em Lisboa, ao Sr. Professor Doutor Bissaya Barreto, nosso Ilustre Conterrâneo, novo Director da delegação do Instituto Maternal de Coimbra.

Assinado o auto, que foi lido pelo Sr. Dr. Carlos Diniz da Fonseca, na presença dos Srs. Dr. Guilherme Possolo, director geral da Assistência, e Dr. Carvalho Dias e Dr.ª Maria Vanzeller, respectivamente director e sub-directora do Instituto Maternal, médicos, funcionários superiores e amigos do empossado, o Sr. Dr. Trigo de Negreiros, depois de afirmar que era desnecessário salientar os serviços a desempenhar pelo Instituto Maternal, visto o Sr. Professor Doutor Bissaya Barreto ter acompanhado a sua acção desde o seu início, agradeceu a benemerência que representa a dádiva de algumas das tão ocupadas horas de trabalho do ilustre cirurgião, para orientar e dirigir a delegação do Instituto Maternal em Coimbra, e coordenar a acção das instituições particulares que se votaram à prática de bem-fazer.

Prosseguindo, o senhor sub-secretário de Estado da Assistência disse que em Coimbra não se podia falar em assistência à mãe e à criança sem evocar o nome do Professor Bissaya Barreto, um precursor em Portugal da assistência materno-infantil. E afirmou, a terminar:

— A indicação de V. Ex.ª para este cargo, mais do que a nomeação constitue uma eleição, pois outra coisa não estava no pensamento dos que conhecem a nobre acção desenvolvida por V. Ex.ª em Coimbra. Em nome do Governo, em meu próprio nome e em nome do Instituto Maternal, agradeço o sacrificio que V. Ex.ª faz em aceitar este cargo.

Em resposta, o Sr. Professor Doutor Bissaya Barreto disse nada ter a agradecer-lhe, visto que o brazer que sente em se ocupar dos problemas de assistência, constitue o maior agradecimento para as suas acções. Continuando:

— Nenhuma outra actividade me interessa mais do que a da assistência à criança, a que desde há muitos anos me dedico, e é com o maior prazer que verifico que a criação do Instituto Maternal veio despertar certas energias latentes, que não sabiam como praticar esta forma de assistência.

E concluiu:

— Se até agora trabalhei com devoção, a partir deste momento, conhecendo a responsabilidade que me cabe, vou continuar a trabalhar, empregando todos os meus esforços, colaborando numa obra que o Governo do Estado Novo criou. Assistir às crianças, é preparar os homens de amanhã!

«O Castanheirense» congratula-se e felicita muito sinceramente o eminente Professor Doutor Bissaya Barreto, ilustre filho desta terra,

Ninguém ousará negar que as prisões e outros lugares de expiação se acham abertos de momento a momento para dar entrada a criminosos e muitas vezes a simples transgressores pelo facto de uma não cuidada educação familiar na infância.

Ninguém negará, portanto, que os verdadeiros culpados — muitos são-no como que por hereditariedade — não são apontados, nem mesmo há quem se preocupe a procurá-los, o que na verdade, seria, agora, praticar a maior das monstruosidades, pois teriam de exumar-se os nossos mais distantes avós. Deixemos, pois, os mortos em paz, e falemos dos que ora têm deveres a cumprir. Assim, por tais circunstâncias, só há um caminho a seguir: evitar que de futuro tais anomalias tenham lugar. Para isso deve cada pai compenetrar-se dos seus deveres primordiais, pois que outros não são, muitas vezes, os causadores de tão grandes males.

Qual será o pai que não deseja para seus filhos «um lugar ao sol»? Todos desejam isto, é claro; não restam dúvidas de que assim seja. E todos os pais estão ao alcance da realização que poderá parecer um milagre da raça, mas que não é mais de que simples norma, que, posta em prática, dará os melhores resultados num futuro muito próximo.

Podem, porventura, apontar-me a série de dificuldades que a cada passo surgem para a viabilidade de tais desígnios, mas eu combaterei, de pronto, o que possam dizer no que respite à impraticabilidade de tais normas.

Muitos hão-de apontar que o actual estado de tantos que mouejam nos mais variados misteres

impede de pôr em prática a escola moral da Família. Sim, isso quasi me convence, mas não me vence; e torno: se tal sucede e poderá continuar a suceder, incontestavelmente, deriva de velhos princípios já enraizados, mas que é preciso combater.

O abandono da educação na primeira infância não se nota apenas em determinados sectores da sociedade, observa-se, esmagadoramente, em todas as camadas e em todos os lados: nas famílias pobres, nas ricas, nas ignorantes, nas cultas, quer no campo, nas aldeias, nas cidades, etc.. E quanto maior é o meio parece que mais depravação de sentidos se nota!

Consta-se que uma grande parte dos pais deixam os filhos como que entregues a si mesmo até idade em que são levados a dizer-lhe:

— Tem que preparar-se para serem homens; estudem a valer, para triunfarem na vida!

Outros, os desherdados da fortuna, dizem-lhes:

— Vejam lá se acabam com o tempo da escola, para começarem a ganhar alguma coisa!

Outros, nem uma coisa nem outra lhes insuflam no espirito; atiram-nos desde tenra idade como que para o vácuo, deixando-os por completo entregues aos fortes e descontraídos abalos do destino.

Que obliterados sentimentos não rompem de crianças que não conhecem bons princípios?

Quantas personalidades duvidosas não se formam no ambiente doméstico em que os pais só dão maus exemplos aos filhos?

Anaia

O QUE SE DIZ da Castanheira

A comemorar o «28 de Maio» publicou o «Diário da Manhã» um volumoso número extraordinário. Dedicou algumas das suas páginas às províncias de Portugal e estampa interessantes clichés que mostram monumentos e paisagens.

Referindo se a Castanheira-de-Pêra, escreve:

«Castanheira-de-Pêra é vila progressiva, localizada entre as enormes montanhas da Serra da Lousã em vale de surpreendentes encantos.

Foram seus donatários os Condes de Redondo e, à falta de monumentos e de história dignos de registo, possui paisagens e panoramas de deslumbramento como são todos os da Serra da Lousã. Assim, toda a parte central do aís é abrangida pelos olhos de quem subir ao Pico de Treomi, no ponto mais alto da montanha, a 1.200 metros de altitude. é aquele um dos mais vastos e surpreendentes horizontes conhecidos.

A população é de 6.500 almas e a superfície de 67 quilómetros quadrados.

Gente laboriosíssima, a de Castanheira-de-Pêra, desenvolveu de tal modo no seu concelho a industria de lanifícios que, nesse aspecto económico de produção, pode bem emparelhar com a Covilhã. Assim, aos encantos da vida moderna, sempre ansiosa de progresso, liga se a extraordinária actividade dos seus habitantes.

As Câmaras Municipais que depois do «28 de Maio» têm administrado o concelho, hão realizado obra digna do programa salvador da Revolução Nacional, caminho em que prossegue inteligentemente a Câmara actual, constituída pelos srs. Manuel Alves Ceppas, Joaquim Ferreira e Pompeu Rodrigues Costa.

Uma das Juntas de Freguesia que mais tem contribuído para a possibilidade de levar a efeito obra é a de Coentral Grande, constituída pelos srs. José Ferreira, Joaquim Lopes de Carvalho Júnior, Pedro Alves, Joaquim Alves Barata, Augusto Carvalho e Augusto Ventura de Carvalho.

Os organismos corporativos de Castanheira-de-Pêra têm actuado de maneira a proteger a economia da Nação e os interesses dos trabalhadores, conforme estabelece o Estatuto do Trabalho Nacional.»

VIDA ASSOCIATIVA

«Recreio Pedrogense»

Esta próspera colectividade que em Pedrogão Grande reúne à sua volta elementos possuidores de louváveis iniciativas, acaba de proceder à eleição da sua nova Direcção que ficou assim constituída:

Presidente, António Tomás David; Vice-presidente, Epifânio David Martins; 1.º Secretário, Angelo Francisco Teixeira; 2.º Secretário, António Henriques; Bibliotecário, Alberto Henriques David; Tesoureiro, José Pires David Andrade.

Somos informados de que estes senhores estão animados da melhor boa vontade no sentido de fazerem progredir o simpático clube «Recreio Pedrogense».

Propriedades no BRASIL

Dívida Interna Brasileira

Títulos de Crédito Brasileiros

O Banco Nacional Ultramarino pelas suas Filiais do Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus, encarrega-se da administração de propriedades, guarda, compra e venda de valores, cobrança e transferências de rendimentos.

pela sua nomeação para cargo de tão proveitoso fim social.

Na cidade da Guarda efectuou-se um banquete oferecido ao Sr. Professor Doutor Bissaya Barreto, no Hotel do Turismo, ao qual assistiram os médicos daquele concelho, em número de vinte. Aos brindes usaram da palavra os srs. drs. Ladislau Patrício, Mário Cardoso, Fernando da Silva Sardo, Antero Marques, António Simão Saraiva e António Júlio, que enalteceram as qualidades do homenageado como

professor e cirurgião distinto, pelos seus méritos de organizador e pela sua assistência aos pobres. O sr. dr. Ladislau Patrício interpretou o reconhecimento dos pobres da região, pela assistência gratuita que o homenageado lhes vem dispensando.

Usou também da palavra o sr. dr. Diniz da Fonseca, sub-secretário de Estado das Finanças, que agradeceu o convite que lhe foi dirigido, para assistir ao banquete.

No final o Sr. Dr. Bissaya Barreto manifestou o seu reconhecimento.

NOTAS

Bibliográficas

«OS OLHOS ERAM VERDES», por Augusto da Costa — Edição da Parceria A. M. Pereira — R. Augusta, 49 a 51 — Lisboa.

A gentileza do ilustre Autor devemos a posse deste volume da famosa colecção que se iniciou com «As Inocentes» que mereceu e obteve o prémio *Ricardo Malheiros*. A obra de Augusto da Costa não é vulgar e, por isso, convergem para ela atenções especiais.

O seu romance de agora, ao mesmo tempo que versa com profunda subtilidade a questão social e política no nosso País, com todos os seus atributos morais, não descarta o problema literário e crítico, posto em evidência com as impressionantes *Virgens Inconsúteis*. A essência literária de «Os olhos eram verdes» continua a ser sensivelmente a mesma dos romances precedentes, não havendo, contudo, repetição de cenas. Nisso Augusto da Costa revela-se um hábil encarnador de tipos, mas desses que no labor de todos os dias se nos depaenam. Escrevendo no mesmo género tem o condão de se mostrar sempre novo, tal como sucede em *Eça de Queiroz* e outros. Não cansa nem aborrece. Augusto da Costa lê-se com gosto, pela forma atraente como escreve. O consagrado Autor imprime aos seus livros uma vida própria e apetece-nos dizer que os seus escritos têm alma e não são propriamente *coisas*. Realmente, temos a nítida percepção de que tudo está perante nós, como a vida mais ou menos acidentada de pessoas nossas conhecidas. As cenas de bondade e de ternura comovem-nos na mesma proporção em que a deslealdade e a infâmia nos revoltam.

Há outra coisa que muito admiramos em Augusto da Costa: a sua transposição à actualidade dos nossos dias. Surpreende-nos deveras como o Autor consegue penetrar na vida moderna naquilo que ela tem de mais comezinho e fútil, para em seguida a ridicularizar no que merece, em face dessa outra vida pacata e honesta a que não é exagero chamar — felizmente — *vida nacional*. Sim, que a vida moderna das Bébés, das Fifis, dos Assis e das Lólós é tudo menos nacional. E' aquilo como podia ser outra coisa qualquer que a sua embotada consciência e torpe formação moral lhe ditasse. Em suma, Augusto da Costa é um *escritor eminentemente nacional* e a sua prosa calcuando, por vezes, caminhos ínvios e agrestes sob o ponto de vista moral, é edificante. Os seus livros são bases sólidas de reconstrução ético-social e ocupam já um lugar de destaque adentro das letras pátrias.

E vem tudo isto a propósito de «Os olhos eram verdes». Verificamos que, insensivelmente, deixámos de falar deste romance para falarmos da obra global do Autor. Em nosso entender, Augusto da Costa atingiu tal posição na literatura portuguesa que é impossível separar um livro de todos os outros. A sua obra é um todo e a análise a uma das suas partes, arrasta as outras. As únicas reservas que fazemos ao actual romance, diz respeito à sua leitura por pessoas — especialmente mulheres — de débil formação moral ou baixa cultura, pois pode dar-se o caso de verem o que

Carta aberta

AO DIRECTOR DE «O CASTANHEIRENSE»

Meu distinto confrade, Adriano José Sebastião Coelho:

Quando recebi e percorri o último número extraordinário comemorativo do interessante porta-voz dessa notável região portuguesa, desde logo pensei em felicitá-lo pela forma empolgante com que orientou o esplêndido número a que aludo.

Nada escapou ao seu lúcido critério, que devesse constituir o texto e matéria de elaboração em semelhante oportunidade aniversária.

Motivos independentes do meu querer impediram-me, até agora, de exteriorizar-lhe o meu sentir; mas, em suma, mais vale tarde que nunca.

Li, também, num número posterior, que o meu apreciável confrade está disposto a tornar semanal a publicação de «O Castanheirense».

Louvo-lhe a ideia, que me persuado será apoiada e possibilitada pela compreensão do seu alcance moral e material, por parte da laboriosa população desse meio de importância industrial de alta categoria comprovada.

E' a Imprensa, mais e mais, em todo o mundo, uma alavanca potentíssima de larga propaganda e de progresso ininterrupto.

Estou chegado aos 83 anos, em contacto directo com as suas colunas, a partir dos 14, no país e no estrangeiro, oficial e não oficialmente, e tenho vivo de retentiva e até de experiência testemunhada o registo au-

têntico de serviços impagáveis prestados pelos periódicos aos indivíduos, aos povos e às nações.

Ser-me-ia fácil demonstrar com exuberância de factos, de nomes e de datas a verdade do que afirmo. Evidentemente porém, não daria novidade alguma e, assim, nem como estímulo me recomendaria.

Advogar as boas causas, definir cada caso de interesse público, encarar os problemas locais em sua eficiência genuína e apresentar alvites e soluções correspondentes, há sido norma e finalidade cívica do seu jornal e isto é devéras forte argumento que o abona e o impõe ao justo aprêço de merecimento próprio actuante.

Nestes precisos terrenos é «O Castanheirense» forte de luz, que importa não deixar esmorecer e, antes pelo contrário, animá-lo e a quem o dirige com toda a combustão de urgência e de lógica.

Afigura-se-me que o meu confrade, em seu ideal de contribuir para o ascenso próspero do concelho, encontrará sem demora nos habitantes o acôrdo de vontades que o habilitarão a converter o simpático órgão da Imprensa que ilustra a terra em seu paladino de presença mais frequente e de maior proficuidade.

Seu grato admirador,

F. NORONHA

Dos nossos Amigos

Pagamento de Assinaturas

Na Administração do nosso jornal foram pagas as assinaturas dos senhores:

Lucindo Henriques Diniz, de Lisboa; Padre Manuel Diniz, Campelo; António Nunes Ferreira, Vila Facaia; António Carvalho, Lisboa; Manuel Tomaz Antunes, do Troviscal; Joaquim Alves Pereira, do Carregado; José Mendes, de Lisboa; Jorge Pereira, de Lisboa; Izaltino Tomaz Fernandes, de Lisboa; Adelino Prudente do Amaral, do Rio de Janeiro (Brasil), paga pelo sr. Manuel Alves Ceppas, desta vila; Serafim Pires Coelho David, de Pedrógão Grande; Fernando Foz Antunes, de Lisboa; Jesuíno António Henriques, de Lisboa; Abdias Henriques Lopes, do Bombarral; Manuel Vicente Antunes, de Lisboa; José Henriques Lopes, de Lisboa; Joaquim Simões David, de Arruda dos Vinhos, paga pelo sr. Silvério Bernardo, do Fontão; Joaquim de Sousa Martinho, de Lisboa; António Henriques Delgado, de Alenquer; José António Pereira, de Castelo Branco; Alberto José, de Lisboa; Albano Silva e Sousa, de Coimbra; Avelino Bernardo Nascimento, de Bucelas-Frexial, paga pelo sr. Joaquim B. Nascimento, da Moita; Joaquim Simões Abreu, de Figueiró-dos-Vinhos; Francisco Nunes Barata, de Landana (Angola), paga pelo sr. João M. Calado Heliodoro, de Lisboa; Marcolino de Carvalho, de Lisboa; António Pereira Alemão Júnior, de S. Tomé; Geremias Rodrigues Raposo, da Gestosa, Castanheira-de-Pêra; Artur dos Santos Costa Joaquim, de Lisboa; José Duarte, de Sarzedas de S. Pedro; José Marques Pires, de Tôres Novas; Manuel Bernardo e João Coelho, do Brasil, paga pelo sr. João de Barros, das Vacalouras; António Ceppas, Franklin Ceppas, Horácio Ceppas, João Ceppas, José Barreto, engenheiro Manuel Alves Barreto e Vasco Ceppas, do Brasil, pagas pelo sr. Manuel Alves Ceppas, desta vila; Albertino Rodrigues Soeiro, do Brasil, paga pelo sr. Manuel Rodrigues Soeiro, do Troviscal; Alfredo Henriques David, do Torgal; Manuel Miguel, do Vale do Mendo, Bolo, Manuel Rodrigues Lopes, de Pêra, Joaquim Tomás e João Tomás, de Lisboa, Joaquim Pires Neto, de Botelhas, pagas pelo último senhor.

A todos os nossos agradecimentos.

Novos Assinantes

Na lista dos nossos estimados subscritores incluímos os nomes dos senhores:

Abílio Henriques e José Maria Pereira, residentes em Lisboa, por amável indicação do nosso assinante sr. Artur dos Santos Costa Joaquim da mesma cidade.

José Duarte CARPINTEIRO

Trabalhos industriais
e construção civil

Sarzedas de S. Pedro
Castanheira de Pêra

Dr. Albano Coelho

INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta.
Operações

Calçada do Carmo, 6, 1., D. (Rossio)
Telefone 22070

LISBOA

Consultas às 17 horas

lá não está e de fecharem os olhos da alma ao verdadeiro objectivo do Autor: moralizar. E, para além disto, é muito gostosamente que o recomendamos.

A capa, por Maria de Vasconcellos, sintetiza a matéria que o livro contém. Esta senhora é uma artista de vulto.

Em dois meses consecutivos saíram duas edições. Por aqui se vê como tem sido procurado.

Gratos pelas amáveis palavras do Autor.

Marcus

Nesta secção far-se-á a crítica literária de todos os livros de que nos sejam enviados dois exemplares.

Aos Assinantes

Solicitamos dos nossos considerados Assinantes de África, Brasil e Américas, a especial atenção que antecipadamente agradecemos, de satisfazerem as suas assinaturas por intermédio de pessoas residentes em Portugal, evitando-nos, deste modo, despesas e demoras no acôrto de uma regular cobrança.

Esperando da reconhecida benevolência dos nossos subscritores mais esta deferência, reforçamos o nosso reconhecido: muito obrigado.

Henrique Lacerda

ADVOGADO
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
TELEFONE 2
Em Pedrógão Grande:

A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Teares de ferro

Construção «HOUGET», novos, para entrega dentro de um ano, vende, Alberto Lopes, rua Duque da Terceira, 123.

Telefone: 4 401 — PORTO.

Carreira Diária de Passageiros

BOLO-LISBO

Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torrões Novas, Santarém e Lisboa
Concessionários:

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.^{da}
Séde—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5.

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pêra	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torrões Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torrões Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pêra	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Coentral	—	17,50
Bolo	5,55	—	Bolo	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa Auto-Lys R. da Palma-Tel. 21363

ALBERTO Lopes

Rua Duque da Terceira, 123—Telefone 4401

PORTO

Maquinismos e seus pertences para as indústrias textis. Especialidade em correinhas e botas para aparato de cardas; correias de couro, atilhos e ganchos para coser correias; cordas de algodão, cordão para fusos e todos os acessórios em couro para teares. Fano riço verde. Cartão para prensa e teares. Cardo vegetal, etc., etc.

TRAPÓS

PARA A INDUSTRIA DE LANIFÍCIOS

L. FARGE, L.DA

RUA DO FREIXO, 1291 — PORTO

Telefones: Urbano 4494 e Estado 197 Endereço telegráfico: EGRAF—Porto

Casa especializada estabelecida há 40 anos em Portugal e há mais de 100 anos em Espanha

Logo que o restabelecimento da normalidade o permita, voltaremos a apresentar à nossa clientela os escolhidos algodões indianos que forneciamos antes da guerra e tão apreciados foram sempre pela indústria de lanifícios nossa cliente

AGENTES: (José Coelho Junior — Castanheira de Pêra)
(António Pereira Pais Espiga — Covilhã)

Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Telefones P B X (Fábrica: 1 668)
(Escritório: 1 3)

Endereço Telegráfico: DORATO

FÁBRICA DE ACESSÓRIOS PARA FIAÇÃO E TECELAGEM

A maior organização do género no País

Fábrica e Escritório: Rua do Duque de Saldanha, 150 — PORTO

Lijos metálicos, em aço. Grampos de aço temperado. Caixilhos (Perchadas) Malhões e Tirantes. Molas espirais. PENTES. Latas de Fibra Vulcanizada para Fiação. Caitões de Aço para Teares Romanos. Bobines em Madeira. Canelas. Lançadeiras de todos os tipos. Pinos de Madeira. Tempereiros. Pinças. Tezouras de Tecelão. Ganchos para coser Correias, etc.

Esta Casa tem sempre, para entrega imediata, todos os artigos de seu fabrico a PREÇOS CONVINDATIVOS.

AGENTE em CASTANHEIRA-DE-PERA: José Coelho Júnior — Telefone 16. Tem em Depósito os Nossos Artigos

Oficina Mecânica

DE MÁRMORES E CANTARIAS

Casa fundada em 1 de Janeiro de 1920

DE — **Aparício Cardoso**

Rua Voluntários da República, 56 **TOMAR** Telefone N.º 90

Encarrega-se de jazigos, campas, mausoleus, pedras para móveis e balções, frentes para estabelecimentos, cantarias para obras e todos os serviços que digam respeito á sua arte.

Enviam-se desenhos e orçamentos a quem os solicitar

Agente em Castanheira de Pêra e Região

José Coelho Júnior

CASA DOS LINHOS

TEIXEIRA DE ABREU & C.ª, L.ª
32, 33, 34—Largo 28 de Maio
35, 36, 37—GUIMARÃIS

Fabrico especial de panos de linho, atalhados, panos de algodão colchas e bordados regionais

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

Vai a Lisboa?

Hospede-se na PENSÃO CASTANHEIRENSE, junto à Igreja de S. Domingos, a mais central de Lisboa

Luxuosamente ampliada, com esplêndidos quartos. Optimo serviço de mesa e a preços acessiveis. Máxima seriedade

Rua dos Correeiros, 264, 2.º dt.º e Esq. — Telef. 28454 em todos os andares

LIMPOPE

A CAMISA preferida pelas Élites, porque é CAMISA de ÉLITE!

Vende José Coelho Júnior
Castanheira-de-Pêra

O Jornal VAI ao fim do Mundo. Com o Jornal pode ser conhecida a fama dos produtos que cada um fabrica ou vende.

Turismo

Figueira-da-Foz

Nos últimos anos, na vizinhança da época balnear, tem a Comissão Municipal de Turismo da Figueira-da-Foz verificado que, em volta dos preços de aluguer das casas para banhistas, desta cidade, se ergue clamorosa campanha, com êco, principalmente, nas Beiras, Estremadura e Alentejo, fazendo acreditar na sua inacessibilidade.

Antes que essa campanha, já agora encetada, se acentua, vem esta Comissão ao seu encontro para esclarecer que há muito exagêro nas cifras postas a correr.

Para cotejo dos preços realmente pedidos, é preciso ter em conta a categoria da Figueira-da-Foz como Praia de renome indiscutível e as comodidades que aqui depara quem a frequente — e não são vulgares nas praias portuguesas — desde a água canalizada e a fiscalização de leite do consumo público até à abundância surpreendente do seu mercado e às atrações que oferece.

Se estabelecermos paralelo entre o preço de uma casa na Figueira e o de outra situada em praia modesta — em que as dificuldades do abastecimento se renovam todos os dias e se nota a falta de luz eléctrica, de serviço telefónico, de ligações ferroviárias, de esgotos e daqueles requisitos que a vida moderna já hoje não dispensa — necessariamente que o paralelo será desfavorável à Figueira-da-Foz.

Mas a conclusão não deve causar estranheza em ninguém!

Se, porém, o confronto se fizer honestamente com a praia de igual categoria, proporcionando aproximadas vantagens, quem o fizer reconhecerá que na Figueira-da-Foz não há exageros que ultrapassem o próprio exagêro da hora que passa, em que nada é barato.

O mês de Agosto é o mais caro; contudo, nos meses de Julho, Setembro e Outubro, as rendas ficam ao alcance de bolsas medianamente providas, desde que o local preferido não seja absolutamente central e o número e o conforto das divisões sejam normais.

Há, porém, muito por onde escolher e, às vezes, até, a dificuldade está precisamente na escolha...

A Comissão Municipal de Turismo da Figueira-da-Foz aconselha, portanto, os que pretendem passar aqui o verão, a não se deixarem influenciar por informações anónimas, pelo *dis-se* que, com facilidade, rola e que, rolando, mais e mais se avoluma, achando preferível que os interessados se lhe dirijam, dizendo concretamente o que desejam, e que, só depois de obtidos os esclarecimentos necessários, os cotejem e se dicidam.

Figueira-da-Foz, 18 dP Maio de 1946.

O Presidente da Comissão Municipal de Turismo:

Sérgio de Madureira

Seguros EM TODOS OS RAMOS

Nas melhores Companhias, nacionais e estrangeiras

José Coelho Júnior. Cast.-de-Pêra



Museu Etnográfico

Mortos queimados

OS romanos não tinham o costume de enterrar os seus defuntos. Estes eram queimados geralmente no Campo da Morte. Este acto fazia-se depois de se fazer o elogio do morto. O local onde o acto se praticava, tinha o nome *ustrina*. O fogo queimava apenas a carne; os ossos eram recolhidos em urnas que se colocavam nos monumentos pertencentes à sua família. Cada indivíduo tinha no monumento a sua urna privativa. A entrada de Pompeia ainda hoje são admirados êsses monumentos fúnebres em número elevado. O lugar onde um particular queimava o cadáver de uma pessoa de família, tinha o nome de *Bustum*. As pessoas não bafejadas pela fortuna e que portanto não podiam construir qualquer monumento fúnebre, encerravam as cinzas num pilar baixo, quasi sempre rectangular com uma tampa móvel e uma cavidade. Este pilar tinha o nome de *cippus*. As crianças antes de lhes nascerem os dentes eram enterradas ou depositadas, sem passarem pela pyra, num *subgrundarium*, lugar sob um teto em forma de sacada e bastante semelhante a um ninho de andorinhas.

Penamacôr, Maio, 1946.

José Manuel Landeiro

COBRANÇA

Dados os grandes encargos que temos, vimos respeitosamente apelar para todos os nossos estimados assinantes e muito especialmente aos residentes no estrangeiro e nossas colónias, o favor de liquidarem as suas assinaturas em atraso.

José Gomes
Médico I. dos Hospitais
Doenças da boca e dentes

Consultório: L. do Chiado, 15-1.
Telefone: 2 3923 — LISBOA

Jovem Milionário

CASARIA com Senhora com dotes de coração e espirito, á imagem e semelhança de Mily Stuart, personagem principal no romance TOUPEIRAS HUMANAS, de Marizabel Fogaça. Respostas a n.º 123, Largo do Calvário, 25 — LISBOA

Dr. Fernando Lacerda

Director da 1.ª Clínica de Oftalmologia do Dispensário Policlínico Central Ex-Assistente da Faculdade de Medicina (Instituto de Oftalmologia Dr. GAMA PINTO)

Doenças dos Olhos Operações

Calçada do Carmo, 6, 1. D. (Rossio)
Telefone 2 2070

Lisboa

Consultas às 17 horas, excepto as 5.ª feiras

PENSÃO FAMILIAR

Castanheira-de-Pêra
Almoços. Jantares. Pensão completa
Água corrente. Casa de banho

Telefone: **UM TRÊS**

José Bebiano C. H. Silva

ADVOGADO
Castanheira-de-Pêra

A's segundas-feiras em FIGUEIRÓ-DOS-VINHOS

Manuel Brinca

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS
Rua Ferreira Borges, 162, 2.

(A PORTAGEM)

Telefones: Consultório 3039
Residência 3509

COIMBRA

FERNANDO GAMA

Fanqueiro — Retrozeiro
MODAS

37, R. dos Remédios, 37-A
(Alfama)
LISBOA

Telefone: 2 7165

Pintor

Encarrega-se de todos os trabalhos da sua arte, tanto em prédios, como em letras, móveis etc., tanto por orçamento, como por conta do proprietário. Orçamentos grátis. António J. Couto, pelo telefone, 32, Café Popular. Castanheira-de-Pêra.

Imprensa

«República» Entrou no seu 36.º ano de publicação este dia 1.º de Maio de 1946. O jornal defende a causa republicana.

Fundado pelo Doutor António José de Almeida, de saudosa memória, tem sabido este jornal impôr o nome do inconfundível paladim que legou obra de relêvo ao seu partido e à Pátria.

Trilhando caminhos difíceis tem, a «República», visto tombarem muitos dos seus devotados amigos como o bondoso Ribeiro de Carvalho, intemerato timoneiro de rumo certo. A substituí-lo, investiu no ingrato cargo de director do periódico nosso camarada, o jornalista Carvalho Duarte, inteligente confrade que não desanima na escabrosa estrada aberta ao ideal da Liberdade.

A todos os nossos colegas, simpáticos obreiros da «República» endereçamos o nosso cartão de vivas felicitações, com sinceros desejos de fortes prosperidades.

«República», comemorando seu aniversário, imprimiu um excelente número de 64 páginas, contendo magnífica colaboração e larga secção de publicidade.

TEARES

para

LANIFÍCIOS

Compro manuais ou mecânicos, com alvará.

Indicar preço, número de registo, etc.

José DANIEL
Praça da Alegria, 19
Lisboa

Arquivo Histórico Militar

Possui o Arquivo Histórico Militar uma interessante «secção iconográfica» em que existem alguns milhares de retratos de oficiais do Exército Português em gravura, litografia, fotografia, etc.

Esta secção tem prestado serviços importantes a escritores e investigadores, que a ela têm recorrido. Deseja o Arquivo Histórico Militar enriquecer com mais exemplares essa secção. E, por isso, pede que, quem possua espécies que possam figurar, as ofereça, desde que nelas não tenha especial interesse. Assim se vai valorizando o Arquivo Histórico Militar, a cuja frente está como seu director, distinto investigador e escritor sr. Coronel Ferreira Lima.

As pessoas que desejem oferta alguns exemplares para a secção iconográfica do Arquivo Histórico Militar, podem dirigi-los para a sua sede, na rua do Paraíso, n.º 8 — Lisboa.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço somos forçados a deixar para próximo número a «Página Literária» e «Notícias de Figueiró».

De extra-muros

Há dias os jornais anunciavam que em Londres se vão construir túneis profundos com capacidade para abrigarem 10 milhões de pessoas contra os efeitos da bomba atómica.

Nada mais consolador nem mais de-
aunciador de intenções civilizadoras. Con-
a ruir abrigos subterrâneos numa época em
a que fazem falta os edifícios para abrigar
a pessoas e para albergar escolas capazes de
a evar os homens a desistirem de se guer-
a rearem, é desmentir categoricamente, sem
a necessidade de mais provas, o que se diz
a por aí, à bôca cheia, em conferências e
a reuniões de paz...

No entanto, é possível que com a cons-
rução destes abrigos o povo britânico
esteja fora do alcance da acção destruido-
ra da bomba atómica e de outras criações
umanas. Se assim for, talvez que as en-
comendas de subterrâneos sejam grandes,
e eis surgida uma grande indústria, mais
um famoso «trust», mais uma medida con-
tra a guerra.

Não há dúvida. Continuamos a pensar
em tudo, menos na paz real. A paz que
existe apenas parece camuflar, disfarçar
uma incontida ansia de guerrear.

Oh! senhores, lembrai-vos de milhões
que morreram inutilmente, lembrai-vos
que tendes filhos que também estão sujei-
tos aos horrores, embora penseis preser-
var-vos deles. Deixai os lucros fabulosos e
licitos, e, em troca, contentai-vos com um
lesafôgo honesto e tranquilo. A paz é o
possêgo, é a temperança dos bons hábitos
e das boas acções. Fora disso, há apenas
naldade disfarçada, loucura que aguarda a
hora de reinar.



FESTAS & ROMARIAS

Em Pombal realizam-se nos dias
25, 26, 27, 28 e 29 de Julho, próxi-
mo, as tradicionais Festas do Bôdo,
que constam de grande feira anual de
cados, quinquilharias, madeiras em
obra. Exibições de ranchos, Festas
desportivas e vistoso fogo de artifício.
Ornamentações, iluminações e concêr-
os musicais. Festivais no jardim pú-
blico. Verbenas. Tômbolas, etc. Ex-
posição Pecuária, promovida pelo Gré-
nio da Lavoura em Pombal.

FALSOS FUNCIONÁRIOS

Foi fornecida à Imprensa a se-
quinte comunicação:

«Tendo chegado ao conhecimento
da Intendência Geral dos Abasteci-
mentos que alguns individuos, intitu-
ando-se falsamente funcionários d'êste
organismo, se têm dirigido a alguns
consumidores procurando obter infor-
nações cuja finalidade se desconhece,
e procurando, até, apreender cartas de
acionamento, previnem-se os consu-
midores das diversas zonas, que, sem-
pre que alguém se lhe dirija em nome
da Intendência Geral, deve-lhe ser
exigida a apresentação do respectivo
bilhete de identidade, autenticado
com o competente sêlo branco e do
qual consta a categoria, nome e foto-
grafia do portador.

Desde que tal não se verifique,
levem os consumidores requerer a
ntervenção policial».

REVISTA DE INSPECÇÃO

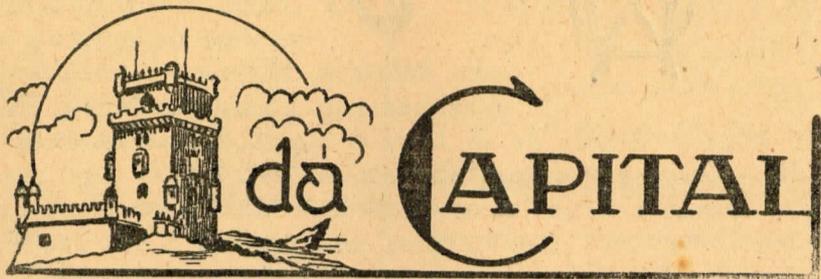
A revista de inspecção às praças
cienciadas das classes de 1924 a 1939
para as que se encontram na situa-
ção de disponibilidade, das classes de
940 a 1946, pertencentes a todas as
rmas do Exército Português, terá lu-
ar no dia 28 de Julho, próximo, no
dificio dos Paços-do-Concelho, desta
ila.

**ASSINAI «O Castanheirense»,
defensor do bem da Região!**

O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS: Quadrimestre 7\$20 Cobrança pelo correio mais 1\$00	PUBLICA-SE NOS DIAS 1, 10 e 20 DE CADA MÊS	ASSINATURAS Estrangeiro: ano 4\$10 Império Português: ano 3\$60
---	--	--



UM ANIVERSÁRIO

A Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, uma das mais simpáticas e prestigiosas instituições regionalistas da Capital, festejou no passado mês, o 9.º aniversário da sua fundação, com um magnífico programa de festas, que decorreram com muito brilhantismo.

A Casa de Figueiró dos Vinhos, guiada com critério sereno, pela sua Direcção e apoiada dedicadamente pela população associativa, atravessa um período próspero.

As festas, encerraram-se com um banquete de confraternização, que se realizou no salão nobre daquela agremiação, vistosamente ornamentado, e que resultou numa admirável manifestação de amor clubista.

Assistência numerosa, destacando-se muitas gentis senhoras e os representantes das Casas de Leiria, Alentejo, Entre Douro e Minho, Covilhã, Lafões, Coimbra, Pdrógão Grande e Pampilhosa da Serra.

O banquete foi uma vibrante demonstração do afecto que os associados consagram à simpática colectividade, que com o esforço de todos, tão grandes progressos tem registado.

A presidência foi assumida pelo sr. dr. Fernando Lacerda, ilustre presidente da Direcção e uma das figuras mais prestigiosas da Casa de Figueiró dos Vinhos, que tinha a seu lado os srs. drs. Silva Lopes, da Casa do Distrito de Leiria; Coelho da Fonseca e Albano Coelho, José Martins Coimbra e Albuquerque Sequeira.

Aos brindes falou, em primeiro lugar, o sr. dr. Coelho da Fonseca, que saudou as agremiações ali representadas e a Imprensa.

Seguiram-se os representantes das Casas Regionais já mencionadas, que felicitaram aquela instituição pelo seu aniversário.

O representante de «O Castanheirense», falou também, manifestando a sua satisfação por assistir a tão simpática festa.

Com os agradecimentos pela gentileza do convite, afirmou levar mais uma vez, à Casa de Figueiró dos Vinhos, em nome de «O Castanheirense», a solidariedade, a amizade e o apoio, que a sua acção sempre lhe tem merecido.

Continuando, o representante do nosso jornal, saudou o sr. dr. Fernando de Lacerda, que tem o seu nome ligado à colectividade pela sua acção entusiástica e constante e felicitou a Casa de Figueiró, pelo seu aniversário, augurando-lhe as maiores prosperidades.

Saudou também o activo diri-

gente daquela Casa, sr. Albuquerque Sequeira, que foi incansável na organização do almôço.

O magnífico repasto, excelentemente servido, por gentis senhoras, e que decorreu no meio de franca alegria, foi encerrado com um belo improvisado do sr. dr. Fernando de Lacerda, que saudou os presentes e agradeceu as amáveis palavras que lhe foram dirigidas.

O sr. dr. Fernando de Lacerda, agradeceu também às senhoras presentes o brilho que tinham ido emprestar aquela festa e terminou saudando a Imprensa, em especial «O Castanheirense».

Vibrantes manifestações coroaram as palavras de cada um dos oradores e o banquete terminou no mesmo ambiente de confraternização.

Para a alegria e boa disposição dos convivas, muito contribuiu também, o magnífico almôço preparado pelo dedicado amigo e antigo Director da Casa de Figueiró, sr. Silvério Duarte.

C. Rocha

Sindicato Nacional

DO

Pessoal da Construção Civil do Distrito de Leiria

Nos termos dos nossos Estatutos tenho a honra de convocar a Assembleia Geral com o fim de apreciar e votar as contas da gerência de 1945.

A reunião efectuar-se-á na nossa Sede em Leiria, Largo Cândido Reis, 17-1.º, direito, às 15 horas de 2 de Junho de 1946. Não comparendo a essa hora a maioria dos nossos filiados a reunião efectuar-se-á no mesmo local às 16 horas no mesmo dia, com qualquer número de sócios presente.

Leiria, 18 de Maio de 1946.

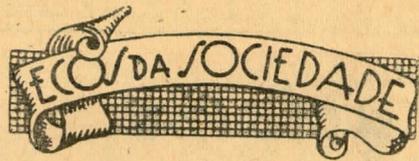
(a) José Pires Martins

OS QUE MORREM

No lugar da Palheira, faleceu, com 73 anos de idade, o sr. Manuel Marques. Deixa viúva a senhora Etelvina da Piedade.

—No lugar da Figueira (Graça), realizou-se o funeral da senhora Carolina Diniz, de 80 anos de idade, mãe do sr. Jeremias dos Santos.

Enviamos pêsames às famílias enlutadas.



Partidas e chegadas:

De passagem, esteve nesta vila o rev. padre sr. Cipriano Rosa, ex pároco no Rabaçal, actualmente a residir na vizinha vila de Figueiró-dos-Vinhos.

— Com sua espôsa, visitou esta vila, o sr. José Bernardo, do capital.

— Das Termas de Monfortinho, onde se demorou em tratamento, regressou o nosso amigo sr. Joaquim Alves da Silva, proprietário, antigo industrial, que se fazia acompanhar de seu sobrinho, sr. António Filsofel de Carvalho, comerciante em Lisboa.

— Cumprimos nesta vila o nosso particular amigo, sr. Antero Ribeiro Rebelo, de Gouveia, representante da Sociedade Comercial Carlos Farinha, Limitada, de Lisboa.

— A Coimbra, deslocou-se, o nosso colaborador, sr. Sertório dos Santos Fonseca.

— Visitou nos o nosso presado amigo, sr. Aurélio Joaquim Tomás, sócio da firma, Tomás Costa & Irmão, e armazenista em Lisboa.

— De Lisboa regressaram os srs. Eduardo Domingues, industrial de lanifícios, do Troviscal, e seu filho Abílio Domingues.

— Abraçamos nesta vila o nosso amigo sr. Guilherme Martins, que anda em viagem comercial, representando firma, S. C. Carlos Farinha, L.da, de Lisboa, de que é activo sócio.

— Acompanhado de sua espôsa, seguiu para Coimbra o sr. José Francisco Diniz, industrial de lanifícios.

— Partiram para a cidade da Guarda os srs. Germano Henriques Nascimento e espôsa, e Fernando Henriques Bebiano, que ali foram visitar seu mano, sr. Adelino Bebiano, a quem desejamos rápidas melhoras.

Abílio Lopes Galhardo

No Coentral Grande está em gôso de bem merecidas férias o nosso prezado assinante, sr. Abílio Lopes Galhardo, chegado da América do Norte, por via aérea.

Doentes:

Em Lisboa tem estado bastante doente a filhinha do nosso amigo, sr. Virgílio Barata, comerciante na Capital.

Desejamos-lhe rápidas melhoras.

Publicações

«EIS A GUINÉ»

Da autoria de Fernando Rogado Quintino, foi publicado o opúsculo «Eis a Guiné», que nos foi enviado pela Sociedade de Geografia de Lisboa.

São 64 páginas que nos mostram o que vale aquela nossa colónia.

OS PREÇOS DO MILHO E DO ARROZ

A direcção da Associação Central da Agricultura representou ao sr. Ministro da Economia para que, com a maior brevidade, sejam decretados os preços do milho e do arroz, da nova colheita.

CARTÕES DE VISITA, executam-se nas oficinas d'êste jornal. Rapidez e perfeição.